

HOLANDA, Sérgio Buarque de. org. Marcos Costa. *Para uma nova história*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. 174p.

Marlon Aseff

Lançado em setembro de 2004 pela Editora Fundação Perseu Abramo, o livro *Para uma nova história - Textos de Sérgio Buarque de Holanda*, reúne em 174 páginas artigos sobre literatura, teoria da história, economia colonial e filosofia, entre outros temas abordados pelo historiador, em um tom marcadamente político. Os textos foram publicados entre 1946 a 1973, nos jornais cariocas Diários de Notícias e Diário Carioca, e nos paulistanos O Estado de São Paulo e Digesto Econômico. A edição vem acompanhada de oito páginas ilustradas com fotos que mostram o intelectual em diversos momentos de sua vida, de 1930 até 1982, ano de seu falecimento. Na capa do livro que marca o centésimo título publicado pela editora, uma foto mostra Sérgio Buarque sentado à beira de uma irreconhecível Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro de 1934. A organização e seleção dos textos é de Marcos Costa, historiador ligado a Unesp (Universidade Estadual Paulista).

Considerado um dos principais historiadores do país, Sérgio Buarque de Holanda nasceu em São Paulo, no bairro da Liberdade, em 1902. Crítico literário, jornalista, sociólogo e historiador, fez parte da turma de modernistas da Semana de 22. Do grupo modernista, foi editor da revista *Klaxon*, mas também da revista *Estética*, junto a Prudente de Moraes e Afonso Arinos de Melo Franco. Morou na Alemanha, de 1928 a 1930, como correspondente de O Jornal, escrevendo sobre aspectos da cultura europeia. Na volta ao Brasil, dedicou-se a atividades acadêmicas, escreveu o livro *Raízes do Brasil*, que tornou-se clássico na Coleção Documentos Brasileiros, da Editora José Olympio, publicado em 1936.

Os textos de *Para uma nova história*, reunidos pela primeira vez em livro, revelam um autor preocupado com os rumos que a nação tomava, desde o Estado Novo até a plena ditadura de 1964. Através dos artigos, é possível acompanhar as reflexões que suscitavam em Sérgio Buarque os mais diversos acontecimentos políticos pelos quais

passava o país. Escritos em um intervalo de tempo de onde surgiram suas obras máximas, os artigos surgem em meio ao ambiente de pesquisa nos quais foram gerados os livros *Raízes do Brasil* (1936), *Monções* (1945), *Caminhos e Fronteiras* (1949), *Visão do Paraíso* (1954) e *Da Monarquia a República* (1972).

As preocupações com as mudanças de paradigmas historiográficos ficam claras em artigos como *O senso do passado*, de 1952, *Apologia da História*, de 1950, *Sobre uma doença infantil da historiografia*, de 1973, *Para uma nova história*, de 1950, e *Tendências filosóficas*, de 1951. Dos livros *Raízes do Brasil*, *Caminhos e Fronteiras e Monções*, destacam-se temas explorados em artigos como *Economia Colonial I e II*, publicados em 1946, *Da lei Eusébio à crise de 1864*, de 1947, *Cooperação e trabalho livre*, de 1946, *Tradicionais e Iconoclastas*, também de 1946, *Africanos no Brasil*, publicado em 1950 e *História econômica*, de 1952.

Em 1949 Sérgio Buarque escreve alguns textos sobre os pontos de desenvolvimento e entraves da democracia no mundo, reunidos nos tópicos *Os problemas da democracia mundial*, *A Democracia e a tradição humanista*, ambos publicados em 1949, e *Introdução à democracia*, de 1951. Representante brasileiro em um comitê internacional reunido pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), para debater e investigar os diferentes significados atribuídos a palavra *democracia*, o escritor se depara com as dificuldades de enumerar as diferentes matizes de interpretação do termo,

Na própria introdução ao questionário da Unesco observa-se como, embora desde a época da Revolução Francesa, se não antes, tenham surgido queixas constantes contra a imprecisão e falta de rigor com que essa palavra é ordinariamente empregada, o fato é que somente após duas guerras mundiais desastrosas em que, destinadas a defender a democracia e assegurar a sua vitória, foram seguidas de violentos desacordos sobre o sentido e alcance de sacrossanta palavra, tais clamores tomaram a amplitude de uma tempestade de indignados protestos, chamando a atenção, ao mesmo tempo, sobre os problemas que sugere a noção de democracia. (p.33)

Considerando aspectos de entrave no debate político, onde partidários do bloco soviético acusavam as democracias nascidas sob a égide do liberalismo de constituírem privilégio de minorias, e que

por sua vez eram acusados de intolerantes, o historiador vê no balanço final um ponto em comum: o humanismo.

Nenhuma delas professa a doutrina da dignidade superior de uma raça ou a prioridade definitiva do Estado sobre o indivíduo. Seria lícito, talvez, objetar que, na prática atual, nenhum desses princípios é universalmente respeitado. Contudo, a simples circunstância de existir sobre eles um acordo geral basta para que se considere sem pessimismo a possibilidade de um auspicioso entendimento[...] (p.35)

Reunidos neste volume somam-se outros textos, que tratam de aspectos da formação política e econômica do país e terão como centro uma apurada crítica a constituição do estado brasileiro e a estruturação de um círculo patrimonial que não abandona o país desde sua fundação. Em *Mentalidade capitalista e personalismo*, publicado no Digesto Econômico, em 28 de março de 1947, Sérgio Buarque busca possíveis respostas para o que chama de resistência dos povos ibéricos a mentalidade capitalista. Em contraposição aos povos que viveram intensamente o renascimento, ao norte dos Pirineus, e que adquiriram uma mentalidade moderna, o historiador coloca Portugal e Espanha como sociedades de tendência igualitária, de um falso igualitarismo, com raízes possíveis no mundo muçulmano, com classes sociais submetidas a um padrão único. Sérgio Buarque identifica um rumo aristocratizante, onde a ascensão social apagava a primitiva mentalidade das camadas populares, e as “virtudes econômicas” associadas a burguesia nunca conquistavam bom crédito.

[...] é característico dessa circunstância o sentido depreciativo que assumiram em português palavras tais como traficante e sobretudo tratante, que a princípio, e ainda hoje no próprio castelhano, designam sem qualquer labéu, o homem de negócios. Boas para genoveses, aquelas virtudes - diligência pertinaz, parcimônia, exatidão, pontualidade, solidariedade social - nunca chegariam a representar qualidades ideais para a gente lusitana (p.50)

Difícil não estabelecer uma ligação com *O Arcaísmo como projeto*, a instigante obra dos historiadores cariocas Manoel Florentino e João Fragoso, que assinalam o ideal aristocratizante ligado ao Antigo Regime, pressupondo um arcaísmo de relações econômicas e sociais, de determinação feudal. Mais adiante, Sérgio Buarque reforça os aspectos personalistas dessa mentalidade.

Acontece que justamente a repulsa firme a todas as modalidades de racionalização e, por conseguinte, de despersonalização, tem sido, até nossos dias, um dos traços constantes dos povos de raiz ibérica. Para retirar vantagens seguras em transações com portugueses e castelhanos, sabem muitos comerciantes de outros países que é da maior conveniência estabelecerem com eles vínculos mais imediatos do que as relações puramente formais que constituem norma ordinária nos tratos e contratos. É bem ilustrativa a respeito a anedota referida por André Siegfried acerca do negociante da Filadélfia que verificou ser necessário, para a conquista de um freguês no Brasil ou na Argentina, principiar por fazer dele um amigo. (p51)

O historiador já havia feito menção a essas distorções em artigo publicado em *O Estado de São Paulo*, a 6 de abril de 1946, sob o título *Cooperação e trabalho livre*, onde critica “a fragilidade, a tibieza e, melhor dito, a pouca eficácia da regulamentação” dos ofícios urbanos no Brasil. No artigo, publicado na página 81 de *Para uma nova história*, Sérgio Buarque de Holanda admite que

em sociedade de origens tão nitidamente personalistas como a nossa, é compreensível que os simples vínculos de pessoa a pessoa, independentes e até exclusivos de qualquer tendência para a cooperação autêntica entre seus componentes, tendo em vista um fim exterior a eles, foram sempre os mais decisivos. De onde com certeza, a vitalidade, entre nós, de certas forças afetivas e tumultuosas, em prejuízo das qualidades de disciplina e método, que parecem convir melhor a um povo em vias de se organizar politicamente.

Em *Depois da semana*, publicado no *Diário Carioca*, em 24 de fevereiro de 1952, Sérgio Buarque faz um decisivo balanço dos 30 anos do evento de 22, procurando desfazer mal-entendidos, situando o movimento em seu trilha original. Interpretações erradas, segundo assinala, formaram uma imagem “bastante convencional e certamente falsa do movimento: imagem de onde desaparecem todas as complexidades em favor de uma simplificação mentirosa e que serve, indiferentemente, aos seus apologistas inadvertidos como aos seus mais rancorosos detratores”. Para Sérgio Buarque a verdadeira história do modernismo seria uma resistência a essas idéias simplificadoras:

Como o movimento se volvesse contra o que parecia aos seus adeptos o império da rotina, passou facilmente por antitradicionalista. Como procurasse absolver as correntes avançadas das literaturas e artes de outras terras, tiveram-no por internacionalista e anti-nacional. (p95)

Com a intimidade de quem viveu no ninho modernista desde o início, Sérgio Buarque relembra de Mário de Andrade e os estigmas a que foi submetido, bem como a atuação de Graça Aranha, que professava doutrinas unificadoras, a despeito do espírito compartilhado pela grande maioria do movimento que buscava um caráter experimental com insistência.

O livro possui um posfácio do crítico Antonio Candido, colega de Sérgio Buarque no I Congresso de Escritores, de 1945, e que acompanhou a trajetória do historiador por toda a carreira. Por suas qualidades, de reunir textos de Sérgio Buarque nunca antes reunidos editorialmente, *Para uma nova história* é um livro importante, que revela um intelectual atento a sua época, a frente das avaliações mais rasas de temas como a situação colonial e sua herança. Sem supervalorizar a presença lusitana nos destinos que se seguiriam a Abolição e a República, Buarque escreve com a fluência do mestre. Particularmente nos artigos para a imprensa, apresenta-nos boas lições em poucas páginas, onde pesa as teses mais amplamente desenvolvidas nos seus livros e nas atividades da vida acadêmica. A edição possui também um índice remissivo que ajuda muito na pesquisa por assuntos específicos e mostra ao leitor o amplo espectro de temas abordados em 22 artigos exemplares.

Resenha recebida em 02/05/2007 – Resenha aceita em 20/06/2007.